

Um Olhar para o outro: reflexões sobre a narrativa brasileira:

Alós, Anselmo Peres. *Narrativas a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade*. Santa Maria: UFSM/PPGL; Brasília: CNPq, 2017. 216 p.

Juliana Prestes de Oliveira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Amanda L. Jacobsen de Oliveira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Com um título que chama a atenção e instiga-nos a desvendar o modo como a temática é evocada em seu interior, *Narrativas a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade*¹, de Anselmo Peres Alós² (professor do PPG-Letras da Universidade Federal de Santa Maria), é uma obra na qual estão reunidos onze capítulos escritos pelo autor, entre os anos de 2001 e 2014. Neles são discutidas e analisadas obras fílmicas e literárias, a fim de pensar questões relacionadas a diferença, subalternidade, raça, etnia, gênero, desejo sexual e alteridade, enfatizando os diálogos existentes entre elas. Nessa obra, há a realização de um denso trabalho em que se congrega o pensamento e o questionamento, problematizando tais questões, o que é de extrema importância, principalmente quando levamos em consideração os atuais acontecimentos políticos e os discursos de ódio contra aqueles que fogem às normas impostas pelo “centro” de poder.

A obra também é muito relevante ao considerarmos a presença de discussões sobre a Literatura Brasileira, visto que ela tem se mostrado, segundo o

¹ O livro está disponível gratuitamente para *download* no *website* do Instituto de Estudos de Gênero da UFSC, através do link < http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/livros_eletronicos/05092017-0647390 >.

² Anselmo Peres Alós também é autor de *A letra, o corpo e o desejo*. É organizador do volume *Poéticas da masculinidade em ruínas*. Também organizou, juntamente com Renata de Fellipe e Andrea Souto, o volume *Figurações do imaginário cinematográfico na contemporaneidade*.

autor, “um potente repositório de imagens e ideias que retroalimentam os discursos hegemônicos das elites econômicas e culturais brasileiras” (p. 7). Pensar, discutir e problematizar, nas mais diversas aéreas, as questões de alteridade, das diferenças e da representatividade na cultura brasileira é necessário, principalmente quando nos deparamos com as produções literárias nacionais que não estão nas listas escolares de leituras obrigatórias para a formação básica, o que deixa à margem boa parte da construção literária brasileira e da população que compõe o Brasil.

O primeiro texto, “O indianismo revisitado: a autoria feminina e a literatura brasileira do século XIX”, leva-nos a pensar sobre o que ensinamos aos nossos alunos acerca do Romantismo no Brasil, mais especificamente a 1ª geração do Romantismo, pois, na maioria das vezes o que se ensina em relação a essa fase são apenas as características deste período literário, o sentimento de nacionalismo e indianismo, que busca a identidade nacional, sem dar a devida atenção às obras, principalmente as que estão fora do cânone. Mas o que esquecemos, e que Alós nos chama a atenção, é como esta identidade nacional, estudada a partir das obras indicadas pelo currículo, não aborda as obras de autoria feminina – evidenciando que a mulher não fez parte da construção da identidade nacional –, nem a participação da cultura negra na construção da nacionalidade. O percurso de interpretação do autor nos leva a perceber que esse cânone é hegemônico e constrói nas entrelinhas a imagem do português branco ‘domesticando’ o índio – isso nos permite observar a leitura em outra perspectiva, possibilitando-nos rever as aulas de literatura tradicionalmente focadas na visão arbitrária do cânone. Dessa forma, o intuito desse capítulo é discutir e problematizar as representações, principalmente as estabelecidas pelas obras consideradas legítimas, a partir dos escritos de autoria feminina, mapeando as ideologias de discursos presentes neles e nas obras consagradas. Para isso, Alós analisa as obras *D. Narcisa de Villar* (1865), de Ana Luísa de Azevedo Castro, e *Gupeva* (1861), de Maria Firmina dos Reis, mostrando como essas obras questionam a construção de identidade nacional considerada como legítima.

No capítulo “Do romance gótico na América tropical: lendo a *Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas”, o foco do autor foi a análise da obra contida no título. Alós procura observar as convenções narrativas do romance gótico, os elementos deste tipo de narrativa presentes na obra de Freitas, identificar os modos como ela ressignificou essas convenções e analisar a maneira como o patriarcado impõe um papel social à mulher. A discussão evocada, pautada nos pontos acima mencionados, é essencial para entender, de maneira mais ampla, a produção literária brasileira – principalmente no que diz respeito à participação das mulheres –, tratando-se de um trabalho muito significativo para os estudos feministas. A partir disso, Alós nos apresenta a possibilidade deste romance ser

compreendido tanto como narrativa fantástica como ficção política utópica, devido ao conteúdo e à forma dos temas. É interessante a convocação do texto de Emília Freitas, uma vez que, apesar de nos parecer novidade no contexto de produção literária brasileira do século XIX, a existência desse romance gótico-fantástico deslegitimado, revela o processo de exclusão sofrido pela autoria feminina (e outras consideradas subalternas). Destarte, a temática da alteridade, escolhida pelo autor como elo entre todos os trabalhos, aparece, mantendo a coerência interna do livro e permitindo-nos a diversificação no modo de pensá-la.

Em “*Parque industrial: o romance proletário de Patrícia Galvão*”, Anselmo Peres Alós procura resgatar essa autora do esquecimento, partindo da problematização da discussão literária acerca das condições das mulheres operárias. Para isso, o autor inicia seu texto apresentando uma biografia de Pagu e perpassa o desprezo da crítica literária diante da autora e (talvez, precisamente, por conta) das denúncias acerca da condição social da mulher trabalhadora evocada por suas obras – o que nos leva a pensar como, ainda hoje, isso acontece no âmbito literário. Em seguida, Alós aborda as características do romance *Parque industrial*, explorando o discurso de opressão ao proletariado, a reivindicação das mulheres, a linguagem do cotidiano, a sexualidade e a objetificação feminina. Segundo o autor, este romance é “um importante documento social e literário, com uma perspectiva feminina única do mundo modernista” (p. 74), e auxilia na problematização das ideias cristalizadas sobre a literatura nacional e a construção da identidade brasileira, rompendo com a ideia de que boa literatura é a que o cânone legitima.

No capítulo “Literatura e intervenção política na América Latina: Rigoberta Menchú e Carolina Maria de Jesus”, o autor busca refletir sobre a literatura de testemunho e suas particularidades. Ao discutir as obras *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la consciéncia* e *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, Alós encaminha uma reflexão teórica e ficcional que evidencia o não-reconhecimento do testemunho, ou do depoimento, como literatura. Assim, faz-nos dar atenção ao fato de várias escritoras adotarem esse gênero, por vezes marginal, para dar voz às suas narrações. A partir desse capítulo, percebe-se que a deslegitimação dessas escrituras de testemunho, no contexto latino-americano, leva ao apagamento considerável de parte da identidade social, pois a subjetividade contida nessas escrituras de si encerra também muitas outras subjetividades propositalmente menosprezadas, esquecidas porque subalternizadas. Apesar disso, inacreditavelmente, ainda há aqueles ‘críticos puristas’ (como bem denomina o autor) que continuam a desacreditar tais textos como literatura, tratando-os, infelizmente, como gêneros menores. Nisso reside o mérito do estudo aqui referido, ao convocar essas

literaturas e discutir o seu papel na constituição da alteridade, porquanto Alós evidencia o potencial dessas narrativas em possibilitar ao leitor um repensar a realidade, a partir do acesso à visão do outro, por essa voz que, antes apagada, agora fornece espaço de empatia. Trata-se da dimensão da pesquisa de Alós que promove, a partir desses elementos, a tentativa da mudança social.

“Histórias entrelaçadas: redes intertextuais em narrativas afro-brasileiras” evoca os *Becos da memória* de Conceição Evaristo, a fim de discutir a representação do povo afro-brasileiro na literatura. O autor discute o modo como Conceição Evaristo engloba suas memórias, vivências e narrativas orais de seu povo em suas obras literárias. Ao fazê-lo, a autora permite o exercício de alteridade, proveniente da perspectiva de seu posicionamento social como mulher afro-brasileira – diferente daquela muitas vezes contida em obras canônicas baseadas na visão hegemônica branca – em uma leitura possivelmente engajada. É relevante notar aqui que Anselmo P. Alós assume então o compromisso em abrir espaço ao romance (e à voz) de Conceição Evaristo (e de todas as vozes trazidas por ela), pois o papel da crítica consiste em visibilizar a obra – ação empreendida por Alós ao provocar em seu leitor o ímpeto da leitura das narrativas referidas e seus intertextos.

O sexto capítulo, “Prolegomena *Queer*: gênero e sexualidade nos estudos literários”, tem foco muito mais teórico. Percorre um caminho que inicia a noção de Foucault de dispositivos sexuais e vai até Jane Flax, Judith Butler e Donna Haraway. Assim, o autor problematiza as ideias pautadas no binarismo de gênero, desnaturalizando o sistema que trata o corpo e o desejo como naturais, ao evidenciar seu caráter de construto cultural. A partir disso, convida-nos a (re)pensar as concepções de normalidade e anormalidade, advindas da heteronormatividade, ao revelar a forma como a heterossexualidade, em si, só pode ser inventada a partir da determinação de outros comportamentos sexuais, considerados, desde então, anormais e/ou errados. Nesse caso, as representações culturais são relevantes porque não agem simplesmente ao reproduzir, mas, de forma sintomática, *produzem* o sistema sexo-gênero. Por essa perspectiva, e através do entrelaçamento coerente feito pelo autor, ao convocar textos fundamentais em um diálogo fluido que convida também o leitor à conversa, é possível chegar ao entendimento do motivo da exclusão de determinadas obras literárias que abordam sexualidades outras, ‘não adequadas’ ao discurso heteronormativo, em consequência de sua potencial ameaça à manutenção da hierarquia entre hetero e homossexualidade.

Ao pensar nos regimes de representação da homossexualidade na literatura brasileira, Anselmo Peres Alós escreve “Corpo e gênero no romance oitocentista brasileiro: *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha”. Apesar do título do romance de Caminha nos soar familiar, a leitura aí apresentada viabiliza novas dimensões de compreensão, normalmente excluídas das críticas mais tradicionais

– nisso reside a contribuição relevante da pesquisa de Alós para que professores/pesquisadores tenham novos horizontes acerca dos sentidos evocados pelo texto. Além disso, essa nova leitura denuncia vários aspectos de textos canônicos da literatura brasileira em seu caráter punitivo daquelas *personas* que ultrapassam os limites de gênero e sexualidade socialmente construídos – isso não significa desqualificar essas narrativas, apenas percebe-las em significações diferentes.

Fernando Pessoa e Caio Fernando Abreu são invocados nas relações intertextuais ilustradas no oitavo capítulo. Intitulado “O eu, o outro e a ética da alteridade: um diálogo intertextual entre Fernando Pessoa e Caio Fernando Abreu”, o ensaio convoca a noção de dialogismo para promover a reflexão a respeito da alteridade, possível na conversa entre o poema dramático do poeta português e a narrativa do escritor brasileiro, ambas de título *O marinheiro*. Ao fazê-lo, Alós consegue habilmente combinar a estrutura de seu texto-pensamento à temática principal indicada no título das obras literárias abordadas. Dessa forma, o autor não apenas explicita os elementos simbólicos dos textos, como os imbrica na tessitura de seu próprio ensaio. A interpretação de Alós a respeito das motivações ideológicas que levam Caio Fernando Abreu à apropriação textual de Fernando Pessoa, proporcionam um terceiro nível interpretativo. Encontram-se: o texto de Pessoa, a leitura-texto de Pessoa realizada por Caio F. Abreu, e a leitura-texto de Caio (em relação à Pessoa) feita por Alós. É assim que o autor apresenta essa nova ética da alteridade, onde não há sujeito-objeto, mas sim sujeito-sujeito, um ao lado do outro sem qualquer hierarquia.

No capítulo seguinte, “Quando as ovelhas pastam no oriente: espaços intersemióticos entre Caio Fernando Abreu e o *I Ching*”, a reincidência da obra do escritor brasileiro provavelmente revela um interesse acentuado de Anselmo Peres Alós por sua escrita. Alós convida, uma vez mais, o conceito de intertextualidade de Julia Kristeva, para relacionar o livro de contos *Ovelhas negras*, de Abreu, ao *I Ching* (um importante oráculo chinês). Dessa forma, o autor esmiúça os significados simbólicos orientais presentes nos três primeiros contos da obra. A partir de sua leitura, pode-se pensar nos poucos textos considerados canônicos, na literatura brasileira, que dialogam com culturas orientais, especialmente a chinesa. Essa condição revela a importância do espaço fornecido pelo estudo de Alós, a fomentar a ampliação de horizontes dos leitores acerca de nossa literatura e de culturas outras, mediadas, no primeiro momento, pela nossa própria – com especial atenção às suas possíveis relações. Fala-se, então, outra vez, de alteridade.

O penúltimo capítulo do livro de Alós, diferente dos anteriores, não tem como foco unicamente uma obra literária, mas se dedica também, a discutir uma obra cinematográfica. *Madame Satã* e a encenação do feminino: um malandro

travestido de vermelho”, discute o filme, de Karim Aïnouz, contido no título, pensando o modo como João Francisco dos Santos (o malandro carioca, também conhecido por Madame Satã) – em sua relação às demais personagens – desloca os binarismos no quais se pautam as construções culturais de raça, gênero e orientação sexual. O autor comenta as estratégias representativas mobilizadas pelo filme, especificando principalmente a simbologia advinda da paleta de cores composta por vermelhos. Por fim, seu percurso consegue explicitar a representação cinematográfica, em filmes como o mencionado, não apenas como negação do contexto branco-masculino-heterossexual, como também, de maneira essencial, com “caráter de intervenção, já que narrativizam o mundo, as vivências e as maneiras pelas quais os indivíduos se organizam coletivamente, construindo novos sentidos” (p. 191).

“Heterotopias do desassossego: literatura e subversão sexual na América Latina” é o estudo escolhido para encerrar o livro de Anselmo Peres Alós. De início, o autor expõe o significado do conceito formulado Michel Foucault, *heterotopia*, como os “lugares nos quais os valores sexuais hegemônicos e heteronormativos são colocados em suspenso” (p. 210). Mais do que apresentá-la, o autor tem o zelo de ilustrar a concepção de maneira tangível, por meio dos comentários e exemplos provindos de obras literárias latino-americanas. Desse modo, além de fornecer subsídio para novas interpretações, instiga a leitura dos romances e de suas possíveis (inter)relações. O espaço heterotópico, lugar de desafio às normas hegemônicas, surge, então, a fim de promover perspectivas diferenciadas – e o caráter de alteridade daí advindo –, não possibilitadas pelos espaços regulados pelas normativas socialmente construídas.

O caminho aqui percorrido através da trama textual de Anselmo Peres Alós não pode deixar de ser, além de profissional, também pessoal. Isso porque pensar em alteridade é (re)considerar a relação do *eu* com o mundo, a relação do *eu* com o *outro* ou, melhor, a relação de *eu* e *eu*, dois *sujeitos*, e não um sujeito e outro *objeto*. A pesquisa de Alós possivelmente revela interesses que perpassam o trabalho do autor de modo acentuado, dado que muitos de seus textos (dentro do livro referido e fora) convocam leituras e *personas* que, por vez, são silenciados pela cultura hegemônica. Trata-se de um exercício de (re)leitura e resgate, uma investigação minuciosa a criar um espaço possível de diálogos antes deliberadamente afastados. Isoladas pelas mãos de um cânone, essas narrativas-leituras-vozes antes perdiam sua força diante do soterrar sofrido pela história literária. Aqui, reunidas por Alós, elas ganham oportunidade de emergir com incidência renovada, em um lugar só seu, um lugar de alteridade.

Trata-se de um exercício intercalado. Anselmo Peres Alós, ao mesmo tempo em que convoca obras antes esquecidas pela maioria do público (incluindo nele a crítica e a historiografia literária), instiga interpretações *novas* (e diversificadas) de *velhas* obras (velhas no sentido de que há tempo constituem

também o cânone, uma vez que muitas daquelas ‘desconhecidas’ foram, da mesma forma, escritas há tempo considerável). Desse modo, ao contrário de delimitar os significados, o autor consegue tocar a ponta do *iceberg*, dando a seus leitores a chance de leituras e investigações de maior profundidade, por meio de dimensões interpretativas variadas. Destarte, ele habilmente nos atrai a partir do, aparentemente, familiar (uma vez que todos nós estamos inseridos no contexto que reitera o cânone), e é precisamente a partir dele que o autor desloca as compreensões arraigadas, tidas talvez já como naturais e/ou únicas. Só então que a discussão proposta nos leva a conhecer novos mundos – novos apenas porque não os conhecíamos, ou fingíamos não conhecer, uma vez que eles ali estão há muito tempo.

São essas novas leituras que nos mostram a exclusão arbitrária e deliberada promovida por aqueles textos que ‘construíram a(s) identidade(s) nacional(is)’. Uma identidade pautada em uma unicidade falsa, inexistente nessa gama bela de subjetividades latino-americanas. Percebe-se, então, como foram apagados e ‘esquecidos’ aqueles considerados subalternos. Sofrendo abjeção, Alós esclarece como esses(as) foram convocados apenas como objeto, nunca como sujeito, porquanto não poderiam ter papel na construção da dita identidade e, menos ainda, ter papel e espaço para sua própria subjetividade, sua própria voz.

Finalmente, encontramos no texto de Anselmo Peres Alós esse espaço necessário. Lugar que não apenas abre-se à voz desse(s) outro(s) como, de modo intenso, provocativo e principal, desestabiliza seu leitor, ao passo em que o faz deliberar essas outras subjetividades; o faz pensar e perceber o quanto de sua subjetividade ali está. Repensa-se não apenas o *outro*, ou o *eu*, reflete-se a respeito do eu no outro, do outro em mim: colocando-nos como sujeitos, ao mesmo tempo, faz com que todos nos coloquemos no lugar de *outros*, lado a lado.

Bibliografia

- ABREU, C. F. O Marinheiro. In: ABREU, C. F. *Triângulo das águas*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1991.
- ABREU, C. F. O Marinheiro. *Ovelhas negras*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- ALÓS. A. P. *A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.
- ALÓS. A. P. (org.). *Poéticas da masculinidade em ruínas: o amor em tempos de AIDS*. Santa Maria: UFSM/PPGL, 2017.
- ALÓS. A. P., FELIPPE, R. F. de; SOUTO, A. R. (Org.). *Figurações do imaginário cinematográfico na contemporaneidade*. Santa Maria: UFSM/PPGL, 2017.

- BURGOS-DEBRAY, E.; MENCHÚ, R. *Me llamo Rigoberta Menchú e así me nació la consciência*. La Habana: Casa de lãs Americas, 1991.
- CAMINHA, A. *Bom-Crioulo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- CASTRO, A. L. de A. D. *Narcisa de Villar*; legenda do tempo colonial pela Indígena do Ipiranga. 2. ed. Florianópolis: Semprelo, 1990.
- DURST, R. *Madame Satã*: com o diabo no corpo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- EVARISTO, C. *Becos da memória*. Belo Horizonte. Mazza, 2006.
- FREITAS, E. *A Rainha do Ignoto*: romance psicológico. 3. ed. Atualização do texto, introdução e notas de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.
- GALVÃO, P. *Parque industrial*. 4. ed. São Paulo: José Olympio, 2006.
- I CHING: o livro das mutações. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 6. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- PESSOA, F. O Marinheiro. In: PESSOA, F. *Poemas dramáticos*. Lisboa: Ática, 1966.
- REIS, M. F. Gupeva: romance brasiliense. In: MORAIS FILHO, J. N. de. *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975. p. 103-134.